

OS POVOS DO BAIXO VOUGA

A sua missão étnica na vida nacional e problemas correlativos

POR

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

Ao norte de Portugal, sôbre o Atlântico, a linha da costa afrouxa e decai para o lado da terra, fechando pelo poente uma extensa meia-lua de planuras vastas, cortadas de canais e lagos, e na linha interior demarcada pelas primeiras elevações dos contrafortes das serras de Arouca, Talhadas, Caramulo e Buçaco.

Descendo do Caramulo para o litoral em um dia tempestuoso e negro, cerrado de nuvens rasteiras, impedindo a difusão vertical da luz, tive ensejo de ver na sua maior extensão aquelas terras, iluminadas de modo que todos os acidentes de relêvo se confundiam e nivelavam, formando de lés-a-lés como um mar profundo e negro, no qual o Cabo Mondego, ao sul, e os montes da margem esquerda do Douro, ao norte, seriam os redentes da entrada de uma baía. Prolongados pelo oceano dentro, representariam ao mesmo tempo as balizas e as defesas de um largo pôrto de abrigo, ao qual, pelo nascente, as serras dispostas em semi-círculo erguiam uma eficaz muralha de resguardo. E porventura algum dia assim teria sido, na realidade; êsse mar interior que uma rara incidência da luz me figurou por um instante, algum dia teria coberto toda aquela vastidão, e já nos tempos históricos, tanto mais facilmente atingindo êsses tempos quanto é certo que modernamente não é exagêro datá-los de há seis mil anos, segundo ouço. Hoje, as terras arrelvadas substituirão em

grande parte as águas primitivas, mas a plateia do anfiteatro magnífico, a meio do qual me encontrava, não será ainda agora no seu carácter geográfico essencial coisa muito diferente do que foi em remotas eras, quando as vicissitudes de colocação das rochas e das montanhas que a circundam formaram a bacia em que essas águas se conteem e movem. Ainda agora, sem maior esforço de imaginação se suspeitam e ressurgem os dias em que as águas do Cértima, do Águeda, do Vouga e do Caima viriam directamente àquela baía e de lá ao mar, pouco a pouco minguando para dar lugar à elevação gradual do chão arável, formado pelos assoreamentos fustigados pelo vento e pelas ondas do mar, conjugando-se os efeitos dessas fôrças com a acumulação progressiva dos sedimentos que na corrente dos rios os montes mandavam à planura e aqui se depositavam abundantemente, por falta de inclinação que os despejasse no mar.

Assim se teria traçado e efectuado o actual e complicadíssimo sistema de ilhas, canais, baixios, restingas e cales, enredado já pela vastidão da superfície em que estes movimentos cruzavam, já pela diversidade de volume, direcção e intensidade dos impulsos das águas precipitadas das serras, tudo cooperando na transformação geológica que converteu o mar em chão agrícola habitável.

Foi com estes elementos que se formou a região do Baixo Vouga, tal qual hoje a vemos, tãda cortada de lagos e canais em suas formas tentaculares, tão depressa deixando erguer a terra como logo lhe abrindo uma tortuosa estrada fluida. E digo região do Baixo Vouga do que outros usam chamar a ria de Aveiro, para a distinguir da parte dessa mesma região que fica em tórno de Aveiro. Queria compreender pela designação que adoptei tãda a amplitude que vai de Ovar a Mira e é banhada pelas águas da ria; e referi-la sòmente a Aveiro será limitá-la, deixando-a muito aquêem da sua extensão real.

Note-se, porém, e nunca se esqueça porque êste facto é de suprema importância no estudo etnográfico dos povos que habitam estes lugares:—ou fosse o mar que algum dia se engolfou e amainou neste resguardo, ou seja a terra firme em que parte do mar se transformou e agora podemos calcar, esta região nunca alterou o seu carácter de abrigo e refúgio das tormentas marítimas como também nunca perdeu as suas condições de acessibilidade por via marítima. O abrigo veio-lhe da natureza e disposição das rochas e dos montes que a contornam, e a acessibilidade por via marítima ou fluvial manteve-se através da sua evolução geológica porque à medida que a profundidade do mar minguava e a praia recuava, ficaram ilhas e canais e minúsculas veias de água navegáveis que levavam e ainda levam os barcos até ao sopé dos montes, e nos barcos transportam a gente que do mar largo aqui aportou. Não houve vicissitude fisiográfica da sua vida que lhe roubasse a faculdade de navegável. Ainda hoje é susceptível de se percorrer em barco de Mira até Ovar, em uma extensão de algumas léguas.

Estamos em uma região irredutivelmente marítima. De tal forma aqui se casam a terra e a água, em tal intimidade e tão assídua, que Oliveira Martins, em uma aproximação feliz, classificou de anfíbia a vida que os homens aqui levam.

*

* *

Que gente mora nestas terras? Donde veio e que caracteres a distinguem? Que condição etnográfica foi a sua no passado, o que é no presente, e que probabilidades tem de ser no futuro?

Lyell, e depois dêle Geikie, sempre insistiram na sujeição ao princípio de que tãdas as mudanças nas eras geológicas passadas

se operaram aproximadamente por causas semelhantes àquelas que hoje encontramos em actividade ⁽¹⁾.

Este princípio, porém, que o geólogo considerou e respeitou, restringindo-o à série de conhecimentos científicos que foram objecto da sua aplicação e mais aturado e particular estudo, este princípio será comum a toda a investigação científica, seja qual for a natureza daquilo sobre que hajam de incidir as suas observações e experiências. Poderá a nossa imaginação inventar formas e sonhar mais ou menos fundadamente derivações das espécies orgânicas ou inorgânicas existentes no passado ou no presente, mas o que não pode, porque excede a capacidade humana, é descobrir uma ordem de movimento da vida diferente daquela que na actualidade experimenta e verifica. Os limites da interpretação do passado são rigorosamente marcados pela consciência do pre-

(1) «Há quasi um século que Lyell, nos seus *Princípios de Geologia*, mostrou que as forças presentes em laboração, como a chuva, o ar e semelhantes, são perfeitamente capazes de explicar as grandes transformações geológicas que tiveram lugar no passado. Largamente contribuiu para que em geral se adoptasse a doutrina da continuidade que hoje é artigo fundamental dos geólogos. Antes desse tempo, os geólogos invocavam toda a espécie de forças desconhecidas para explicar a sucessão das épocas geológicas. Haviam imaginado catástrofes que tinham varrido inteiramente as antigas formas da vida, resultando daí uma criação inteiramente nova, usualmente devida, segundo criam, à intervenção divina directa. Não compreendiam que pequenas forças actuando durante períodos imensamente longos podiam produzir efeitos imensos; que um fio de água, correndo do outeiro brandamente, pode com o tempo rasgar um grande vale; que os movimentos de elevação, lentos, quasi imperceptíveis, podem erguer uma região a milhares de pés de altura e alterar-lhe inteiramente as condições de vida. Lyell mostrou que bastava apenas olharmos em volta de nós para vermos em actividade a maioria das causas que em tempos tiveram consequências de largo alcance. Parece que em nossos dias o desenvolvimento e difusão da civilização sofre de uma semelhante ignorância geral da importância dos movimentos presentes para explicação do passado».

W. J. Perry, conferente de antropologia cultural na Universidade de Londres. No estudo incluído em *The New Past*, publicado por E. H. Carter (B. Backwell; Oxford, 1925). Pág. 28 e 29.

sente, e as nossas divagações, por mais arrojadas que sejam, nunca podem libertar-se da assistência contínua de certos poderes irreductíveis que nos guiam e tem sujeitos, e não estarão longe de se achar representados nos princípios invioláveis da semelhança e da identidade com o que, directamente, por nossos olhos e por nossa imediata experiência soubemos.

Se a ciência de Lyell parte do princípio de que todas as mudanças nas eras geológicas passadas se operaram por causas semelhantes àquelas que hoje encontramos em actividade, se um altíssimo mestre não achou meio mais seguro de conhecer um passado geológico do que a contemplação e exame do presente, por maioria de razão esse princípio terá de subsistir em etnografia, e a sua autoridade nos obriga a observar aí os movimentos presentes, se queremos investigar e apreciar sem inverosimilhança de maior as formações passadas.

Por maioria de razão — porque a história do homem é em matéria de documentos e confiança dos vestígios da vida passada uma sombra, uma ligeira sombra, quasi de todo delida, se a comparamos com a história da terra.

A história do homem jamais poderá reconstituir-se integralmente; a natureza eminentemente precível da sua existência e a exiguidade e curta duração dos seus despojos destróem-lhe as relíquias uma a uma, e pouco menos de totalmente; e entretanto a história da terra é perfeita e indestrutível na eloquência e na abundância dos elementos em que por sua própria actividade gradualmente vai gravando memórias. Na incorruptibilidade das rochas e nos jazigos dos sedimentos a terra arquiva a lembrança de toda a passagem e momento da sua jornada. De cada impulso, do mais pequenino como do mais abertamente ciclópico, de toda a mudança guarda monumentos; o vendaval que uma noite revolveu a terra tem logo o seu padrão no montículo de areia que depositou sobre a dureza das rochas. A sua voz traduz-se em

edificações duradoiras, e a par, à intensidade da vida humana, tão precipitada e confusa, corresponderá a dissipação pouco menos de absoluta do rasto da sua exaltação. Na vida do homem, tudo será concretamente efémero; duradoiro, na vida do homem, só o seu espírito. Debalde lhe foi dada a capacidade gráfica; nas suas mãos é um ténue e frágil instrumento de ressurreição das coisas que tocou e afeiçãoou à sua aspiração. Grafia perfeita e fiel não é a arte dos homens que a grava, é a ingenuidade das rochas que a pratica. Porque a arte gráfica dos homens tem de lhes traduzir memória do seu ser na substância externa ao seu corpo, sempre escassa e mesquinha, e a geologia traduz a sua vida em sua própria substância, tão abundante em todo o momento como as vibrações que a movem. A água e o sol e o vento serão instrumentos de grafias infinitamente mais extensas e perseverantes do que as pobres grafias que a mão do homem alcança socorrendo-se dos reduzidos meios que a natureza lhe concede. Onde haverá biblioteca que diga e guarde o que o carvão diz e guarda nas fôlhas das suas estratificações, onde há catacumbas que tais esquelêtos das vidas findas encerrem e em tal integridade?

Assim é que para a vida dos homens teremos de interrogar o passado no que dêle dura ou se renova no presente. É quanto nos resta. Só pelo que do passado em nós persiste e revive, só por êsse remanescente activo e visível poderemos conceber ou suspeitar as formas e os modos de ser daquilo que passou. Se nos apraz decifrar a etnografia de uma região, antes de cavar nos cemitérios que escassos subsídios poderão ministrar-nos, teremos de olhar atentamente para as multidões em que a vida palpita, e no seu corpo sonharemos o passado, até onde nelas se prolonga e renasce.

Por isso, tentando descortinar as feições étnicas dos povos do Baixo Vouga, eis que as exigências do método que tenho por menos contingente me encaminham a procurá-las onde a vida

presente é mais copiosa e movida, nos casais, nas feiras, nas romarias, nos campos e nas oficinas. E acontecendo que eu fui nascido e criado nesta região e oriundo de avós aqui nascidos e criados também, o primeiro espécime que tenho a observar, porque é o que mais de perto posso conhecer, será naturalmente a minha geração e a minha família. Procurarei primeiro analisar a composição elementar do meu sangue, entretanto supondo que a composição do sangue dos vizinhos, fabricado em o mesmo ambiente e pelos mesmos modos, não será coisa muito diferente do que nas minhas veias palpitar.

*

* *

Nasci em Aveiro, no centro desta região que agora nos interessa, filho de um pai nascido em Eixo, terra à beira do Vouga e pertencendo ao coração desta região. Em Eixo habitaram e se multiplicaram os meus antepassados, no correr de cerca de três séculos, querendo a tradição que o meu quarto avô fosse estrangeiro, sem todavia lhe designar a nacionalidade. Teria sido êsse homem, e isso leva a crêr que veio de fora, teria sido êle que fundou e exerceu na vila a indústria de artefactos de cobre que se propagou e prosperou, e que os filhos e netos continuaram até ao meado do século XIX.

Êste meu quarto avô foi povoador notabilíssimo; teve filhos sem conta e parece que só em um dia casou na localidade cinco filhas, o que me instituiu parente declarado de metade da freguesia, que tem apenas cerca de duas mil almas.

Mas meu avô paterno não se contentou com as raparigas da vizinhança e foi casar a Vagos, a três léguas da sua casa, mas sempre à beira de águas do Vouga; e casou com uma mulher que lhe trazia um abastado dote de sangue francês, manifesto, de

inoculação recente, e ainda agora patente em parentes meus cuja face estampada numa gazeta parisiense poderia passar pela máscara da gente que habita as terras mais retintamente gaulesas. Depois, ampliando a confusão, meu pai casou no Rio de Janeiro com mulher brasileira, mas filha de um português naturalizado brasileiro, o qual era de Avintes, e por isso mesclando a minha família com uma pequenina inoculação de sangue que não era temperado com águas do Vouga mas destilado das torrentes do Douro.

O que desta infusão resultou e eu conheço, bem decomposto e analisado, daria talvez um compêndio das raças da Europa, pelo menos. E o certo é que até onde a minha débil vista alcança, acho na família quanto baste para modelo de todo o tipo étnico ordinário que vagueia da Escandinávia e do Cáucaso até aos montes e praias da Ibéria. Só os dez filhos de minha avó paterna dão para tudo, desde o mais alentado moço de olhos pretos e cabelos pretos até à mais esguia e leve rapariga de olhos azuis, face rosada e cabelos loiros, uma inglesa, como costumavam semelhá-la. De permeio, gente de olhos castanhos e cabelos castanhos, gente que foi loira em criança e na velhice tinha os cabelos pretos, e no geral gente corpulenta e amiudadamente matizada de loiro e côres suas companheiras habituais. Em Inglaterra uma senhora escossesa, de alta educação, teve a gentileza de me aproximar da sua família, pois me achou « muito parecido com um primo seu »; um sobrinho meu ainda teve na infância êstes cabelos loiros, quasi brancos, a que chamam estriga de linho, e em Eixo êstes cabelos ainda aparecem muito frequentemente nas crianças.

André Gide, na célebre *Questão do Choupo* com Mauricio Barrès, dizia: *« Né à Paris, d'un père Uzétien et d'une mère Normande, où voulez-vous, Monsieur Barrès, que je m'enracine? J'ai donc pris le parti de voyager. »* E o meu sangue, recordando a varie-

dade das fontes donde nasceu, poderá perguntar-me onde é que pretendo baptiza-lo e eleger-lhe filiação autêntica. Ao fim, incapaz de pousar algures, terá também de achar que a melhor saída que tem a dar à inquietação é andar de continuo a vaguear de remotas terras da Europa para as praias do Mediterrâneo, sem em parte alguma se deter. Ainda mesmo quando por prolongada presença e aparentemente sedentário se poderia crer estagnado em qualquer estreito recesso das águas do Vouga, ainda então se agitará de hora a hora, na inconstância da multiplicidade de aspirações que ora se conjugam ora se opõem, obedecendo a impulsos mandados de tôdas as latitudes do globo.

Tal é a pureza da raça donde venho, e, embora nem sempre atinja semelhante complexidade, tal será muito aproximadamente a pureza das raças que povoam as extensas planuras do Baixo Vouga. Étnicamente serão uma farmácia, copiosamente provida de simplices, nem um só dos quais poderá já encontrar-se claramente estremado e dominante, tão antiga é a série de composições e reacções em que anda diluído. Não há lugarejo onde não se achem amalgamadas raças vindas dos quatro ventos da Europa, sem dúvida entremeados de nutridas brizas da África. Da rapidez das confusões que em cinqüenta anos podem operar-se, dão testemunho os meus olhos. De um caso sei eu em que para uma pequena povoação de poucos fogos, habitada por gente miúda, sêca, trigueira, vieram dois casais do norte da região, alentados, abundados de carnes rosadas, de construção ancha como é vulgar nos povos donde provinham. Tiveram êstes dois casais muitos filhos, a maioria dos quais casou na aldeia em que haviam nascido. Tanto bastou para lhe transformar o aspecto dos moradores, e até, acentuadamente, os costumes. Hoje, a gente miúda e trigueira de algum dia, se ainda não está em minoria, como creio, para lá caminha apressadamente.

*

* *

Neste labirinto etnográfico que mais apertadamente se enleia no centro da região do Baixo Vouga, debalde invoco, para me darem um fio condutor, leis de hereditariedade que me proponham destrições seguras e de aproveitar para uma classificação precisa e fundadamente ordenada. A única certeza e evidência é a infinita complexidade dos cruzamentos em que êstes povos se formaram e continuam a multiplicar-se. Números mendelinos, aqui, se possíveis fôssem de distinguir, terminariam por tão sublimada álgebra que não haveria ciência matemática capaz de a alinhar e figurar.

Direi mesmo que semelhante confusão, e tão revôlta, de todo esmorece e muito singularmente a confiança em leis de hereditariedade até hoje concebidas; mais depressa nos conduzirá a suspeitar que essas leis só justificam soluções claras ou prováveis em casos simples e restrictos. Fora da limitada esfera em que se movem, o atropêlo será tão freqüente e intenso que praticamente, para a sistematização das espécies e variedades, essas leis não subsistem.

Foi observando os povos do Baixo Vouga que vim a confrontar com os lírios de Burbank as ervilhas de Mendel e as cristas dos galos de Bateson e me convenci de que em matéria de hereditariedade os gráficos coincidentes e os números e as proporções exactas poderão achar-se e repetir-se em termos próximos da invariabilidade onde se tratar de espécies dóceis, facilmente se encaminhando para onde as inclinamos e governando-as nós apenas com o sentido na reprodução ou na eliminação de poucos dos seus caracteres que mais avulsem. Mas onde toparmos com espécies rebeldes à nossa influência ou caprichosas em

suas tendências, logo de todo se perderão no infinito das incertezas os cálculos das probabilidades de criar variações com caracteres pre-determinados.

Burbank apartou cêrca de cinqüenta gêneros de lírios, trazidos de diferentes partes do mundo entre si distantes. Plantou-os, e durante uma série de anos, não breves, cruzou-os por complexas fecundações artificiais. Depois, daí foi colhendo sementes até que pôde semear por ano alguns arrâteis dessas sementes cruzadas. Por fim, tinha plantas suficientes para a grande prova e transplantou cem mil para os seus viveiros de experiência. E, prossequindo, criou assim mais de um milhão de bolbos e obteve formas que a mais exaltada imaginação jamais sonharia.

Um lírio que dava três a oito flores em cada haste passou a dar vinte a quarenta. Outro apareceu com oito hastes rebentando de um só bolbo e dando perto de duzentas flores. As variedades da côr e da forma orçavam pela multiplicidade dos sistemas de inflorescência-brancas, côr de palha, cremes, verdes, amarelas, carmezim, côr de laranja, umas lisas, unidas, iguais, outras manchadas como tigres e leopardos, umas de oito pés de altura, outras de seis polegadas, cêrca da quinta parte cheirosas, leve ou intensamente, e umas de fôlhas largas e outras de fôlhas estreitas, umas de fôlhas curtas e outras de fôlhas longas, umas de verde carregado, outras de verde pálido, e algumas lindamente estriadas de branco. Os bolbos não variaram menos que as flores — uns de escamas apartadas e delgadas, abertas, outros de escamas grossas, espêssas e unidas, avermelhados uns, e outros, a maioria, amarelos, brancos ou côr de laranja, uns quasi esféricos, outros cónicos, outros achatados, uns tardios em rebentar, outros temporãos.

«Há vinte e seis anos», disse Burbank em 1906, «comecei a cruzar os lírios naturais da costa do Pacífico, juntando-lhes de tempo a tempo espécies e variedades que pareciam prometer

resultados favoráveis, até que a minha colecção era a mais larga do mundo. Êsses lírios foram escolhidos e combinados, e re-escolhidos e re-combinados, até que hoje se tornaram em facto realizado os resultados mais importantes que jamais se conseguiram em matéria de criação de lírios. De alguns dos híbridos e sementes mais antigas tenho cêrca de mil bolbos de cada variedade, e tenho ainda meio milhão para dar flor pela primeira vez, e ainda em cada estação semeio de um a três arráteis de sementes de lírios fecundados por hibridação. Os conhecedores do género mais competentes que visitaram os meus viveiros, julgaram que entre os milhões de lírios que ali floriam havia, pelo menos, duzentos e cinquenta que eram híbridos distintos » ⁽¹⁾.

Pois bem: a composição étnica dos povos do Baixo Vouga não será coisa muito diferente da composição dos lírios de Burbank, nem tão pouco serão mais numerosas as possibilidades de

(1) Se me pode ser perdoada a ousadia, juntarei à experiência formidável dos lírios de Burbank o depoimento da minha pobre experiência com diversas espécies de eucaliptos. Começada há vinte e cinco anos e continuada ininterrompidamente até hoje, entretanto multiplicando as surpresas dos cruzamentos e os problemas que elas dia a dia vão suscitando, é possível que alguma coisa insinue em matéria de inconsistência etnográfica.

Nestes vinte e cinco anos experimentei mais de oitenta espécies e variedades de eucaliptos, grande número das quais, plantadas em mistura e livremente se fecundando, já floriram e se reproduziram nos meus viveiros. Aí e de princípio encontrei espécies, como, por exemplo, o *E. Gunnii* e o *E. polyanthema*, mostrando uma extrema tendência a variar independentemente de toda a hibridação; sobretudo nos primeiros anos, a folhagem de exemplares, aliás de sementes tiradas da mesma inflorescência, é da mais caprichosa variedade de contorno. Outras espécies há, e a êste grupo pertence a mais vulgar, o *E. globulus*, com propensões claras para a invariabilidade e uma negação manifesta a aceitar o cruzamento, só por acaso dando exemplares híbridos. Do *E. globulus* tenho um híbrido achado em um viveiro de 7:000, e em outra ocasião apartei dois híbridos em um viveiro de 400. Outros ainda, como o *E. coriacea*, apresentam, em regra, casos de hibridação e até com tendência a repetir-se sempre na mesma proporção, com seus laivos de obediência a números mendelinos. Talvez não esteja longe da verdade quem aventar que no *E. coriacea*, quando cultivado em mistura com outras

destacar e contar para cada indivíduo ou para cada grupo os fios ancestrais que lhe urdiram a constituição. Sòmente acontece que essa fusão e confusão que para Lutero Burbank se passou em vinte e seis anos, sob o govêrno do seu génio, e se contou por centenas e milhares, para os povos do Baixo Vouga passou-se em muito mais de vinte e seis séculos, sob o govêrno do génio dos génios que é o mistério da criação natural, e conta-se por milhões.

O grande crítico dinamarquês Jorge Brandes, escrevendo de Taine e das suas propensões a julgar a crítica uma sciência aplicada, disse que « não há investigação metódica que nos possa dar a chave de um espírito humano compósito ». E por maioria de razão não haverá método científico que nos possa dar a chave da constituição e definição de raças humanas das quais o tempo fêz a complexidade de infinitas complexidades anteriores, forma-

espécies congêneres, os híbridos vem na proporção de 30 a 50 por cento, notando que uma vez que pude aproveitar semente de um híbrido vi reproduzir-se êste fielmente em todos os seus derivados, sem um só caso de regressão à legitimidade de qualquer dos avós.

Entre essas dezenas de espécies de eucaliptos que tenho experimentado, o que é porém o caso raro e peregrino é a ausência absoluta de hibridação e a persistência íntegra dos caracteres, posto que a tenha verificado com um afêrro notável no *E. amygdalina*, do qual nunca firei um só híbrido, suspeitando que o *E. amygdalina* fecunda outras espécies e nelas procria híbridos mas não admite a fecundação passiva, por outras espécies, e assim estaria em os vizinhos nas mesmas relações que entre si mantêm as plantas dioicas.

O mais interessante, porém, neste tumulto de uma complexidade e de uma flutuação infinita, serão os híbridos que no estado juvenil se aproximando de uma das espécies mães, passam a assemelhar-se a outra à medida que vão crescendo, e acabam por quási se confundir com esta quando os examinamos no estado adulto.

Parece que a hibridação está sujeita a movimentos evolutivos dentro do desenvolvimento de cada indivíduo, e logo naturalmente se pergunta que influencia terá na reprodução o momento de evolução, a idade em que nos híbridos se opera a fecundação. Dado êste movimento evolutivo para cada indivíduo, será lógico prever que para a transmissão ou eliminação dos caracteres de um híbrido

das pela aposição, amálgama, interposição e tóda a sorte de contacto, fusão e diferenciação de elementos iniciais, já de si compostos de muitos outros, insondáveis, de diversa natureza e carácter — como acontece com os povos que encontramos no Baixo Vouga.

*

* *

Todavia o espírito humano não se resigna facilmente com o despotismo da ignorância e onde de demonstrações peremptórias carece, sempre se interna nos reinos da conjectura.

Por isso não contemplaremos um fenómeno de extrema confusão como êste da constituição étnica dos povos do Baixo Vouga

não é indiferente a idade dos reprodutores; nem na forma nem sobretudo na actividade e natureza dos impulsos vitais será o mesmo ser o híbrido de dez anos e o mesmo híbrido aos vinte anos.

Se com o género humano acontece como com êste género de árvores — e não há razão para crer que seja por outra forma, e antes a complexidade da organização induz a supor que nos homens êstes movimentos serão infinitamente mais enredados e obscuros — se assim acontece em antropologia, teremos de abandonar de uma vez para sempre ao mistério o problema da classificação das raças. Não haverá génio que o decifre, se é que há talento que o formule, e não mais estranharemos os filhos que em crianças se parecem com um dos pais, e adultos se parecem com outro, sem embargo de na velhice virem a ser a imagem de qualquer dos avós. A única conclusão que prudentemente nos será lícita, é que nas raças humanas não só o híbrido é uma força constante e infinita mas também os movimentos de variação se operam incessantemente no correr da existência individual de cada um de nós. Nunca se saberá qual das tendências conjugadas na formação e vida de cada indivíduo vence a-final, e nem mesmo por quanto tempo é a dominante. Os conflitos de hereditariedades rivais que Weismann supõe na célula germinal alongar-se-iam pela vida inteira de cada ser, e mudariam de instante a instante a constituição e a circulação do sangue e todos os anseios psicológicos que nos movem.

Se eu houvesse de repetir a experiência das ervilhas de Mendel, apartaria em cada pé as sementes primeiro criadas e as sementes criadas por último, para depois as cultivar em separado e tentar averiguar se a reprodução da planta na sua primeira fase coincide, quanto à transmissão e persistência dos caracteres, com a reprodução da mesma planta na sua fase derradeira.

sem lhe sonharmos certa ordem subjacente e sem tentarmos esboçá-la.

Em princípio, encontraremos uma negação formal de ordem; mas se insistirmos no exame pressentiremos talvez vagos efeitos de seguimento e identidade sobrelevando ao caos.

Uma das conclusões mais fecundas da moderna concepção da vida, tal qual a profundidade progressiva da observação científica no-la tem revelado pelo labor ingente dos seus talentos, será talvez aquilo que chamarei a singularidade invariável do indivíduo, por pleonástica que tal expressão pareça — isto é, será a verificação de uma regra pela qual a espécie limitada em seus termos, como até agora a supúnhamos e tínhamos por padrão, mostra seus laivos de simples convenção que a aberração individual se compraz em atraiçoar constantemente, nunca prescindindo de que o indivíduo se afaste mais ou menos largamente do tipo rígido a que o referimos e no qual pretendemos integrá-lo. E será com elementos desta natureza que nós formamos em grupos as raças, necessárias e conseqüentemente caracterizadas por operações de referência a certas médias abstractas que, nos limites precisos em que as traçamos, não existem de facto na realidade concreta. Porque se lhe opõe a fluidez da vida, que é essencial.

Na sua mais funda intimidade, a vida será contínua e infinita; em tóda a latitude das criações se realiza e sente em uma série de variantes e gradações ininterrompida. Aos leigos facilmente se afigura que a grandeza de Darwin, aquilo que o ergue a uma estatura verdadeiramente descomunal, não será a descoberta de leis do desenvolvimento orgânico dos seres, como a luta pela vida, ou a selecção natural ou qualquer outra que dos seus estudos se deduza. A glória de Darwin consistirá antes em nos ter inspirado e gravado com uma profundidade dantes nunca vista a idea da continuidade, senão da unidade da criação, esta revelação de que onde palpitou a vida palpitam e virtualmente se contem

tôdas as suas possibilidades, a ponto que na ameiba estamos já a ver o ictiossáurio e o homem, como nos esporos do musgo e do feto vemos a promessa da formação do roble e do cedro.

Em rigor, não poderemos dizer que haja uma só forma que se repita, pertença ela a que categoria a queiramos atribuir. Se a consideramos nas suas relações e dependências com as formas afins, antecedentes, concorrentes, ou subsequêntes, a que se acha ligada por qualquer fio, se a referimos às derivações ou prolongamentos a que nos erros das suas adaptações, caprichos e opressões se prendem, sempre verificamos que nunca se repetiu integralmente. O velho exemplo apontando a árvore cujo génio não fabrica duas fôlhas inteiramente iguais, perfeitamente e sem o mínimo desvio coincidentes, será ainda e perpétuamente o mais claro espelho da lei da variabilidade, reflectindo-a com uma fôrça probante incontestável. A forma será exclusivamente individual e accidental; mal parece rematada, logo na sua reprodução mais próxima se lhe altera a descendência. Por cada tipo específico que no interesse e esforço de conhecer e coordenar as criações da vida e o seu seguimento a análise e a razão distinguem e apartam, haverá dez, vinte, trinta, cem ou mil individualidades intermediárias, para as quais serão tantos os pontos de afinidade e conformidade com o tipo que architectamos para designação da espécie como amudados se mostrarão os pontos de divergência e afastamento dêsse mesmo tipo. Queremos marcar com balizas esculpidas em aresta viva o roteiro das criações, mas ao fim reconheceremos que, embora balizas ponhamos acertadamente onde o relêvo se nos afigurou mais saliente e definido, entretanto nos escaparam e nem podem deixar de escapar ondulações infinitas pelas quais atingimos as elevações mais salientes, e declinações, também infinitas, pelas quais descemos das elevações, para de novo e logo nos vemos obrigados a subir a outras elevações que alteram a perspectiva anterior.

Por pouco se diria que, na verdade, a sistematização das espécies e variedades será mais uma criação do nosso espírito que uma imposição da natureza. E, por testemunho da legitimidade dêste modo de ver, dariamos as ambiguidades sem fim que em tôda a classificação o naturalista consciencioso encontra e as divergências que nos seus trabalhos enxameiam, divergências que abrangem não só a colocação das unidades mas até a constituição das próprias unidades que teem de formar série.

De modo que a determinação das espécies será apenas a limitação elucidativa, e não pouco convencional, pela qual desistindo de representar o movimento ininterrompido que deu à luz as espécies e as anima, tomamos por firme, terminado e cerce, o que por sua natureza e condição irrefragável só vago, transiente e em perpétua oscilação existe.

Nem em outros têrmos, fora dêstes gerais e comuns, nos será possível distinguir as raças onde quer que as estudemos, na amplitude dos continentes como nos valos apertados da aldeia. Porventura não será maior violência suspeitar que na sciência etnográfica moderna se operou certa deslocação do seu antigo reino, obrigando-a a desterrar as raças daquela luz claríssima em que a nossa imaginação as havia formado e guardado como estátuas de mármore, de linhas puras e incorrutiáveis, para as internar na luz crepuscular de mistério imperscrutável, em que hoje vagueiam como irradias sombras inconstantes.

Esta teria sido mesmo a sorte comum a tôdas as sciências. Por diuturnidade da própria actividade progressiva, tôdas chegarão a um ponto em que se veem obrigadas a levantar vôo do terreno aparentemente firme onde a razão as fundava, mas terreno estreito, para se perderem, ou melhor, para se fortalecerem pela insinuação de poderes ocultos que as conduzem às regiões nebulosas do impenetrável e supremo. Esta distinção dos dois estados e duas diferentes esferas de qualquer sciência, uma es-

treita, a outra imensa, e uma contida na outra e por ela se completando, embora cada qual se ilumine de sua luz privativa, êste reconhecimento de limites que a experiência e a dilatação do pensamento nos impõe em tôda a tentativa de penetração científica, êste princípio será mesmo o elemento fundamental que distingue as sciências antigas, orgulhosamente afirmativas, das sciências modernas, humilde e confessadamente cativas das estreitezas fatais a que severamente as teem sujeitas a insuficiência da capacidade humana e a exiguidade de instrumentos de investigação que a avareza do destino lhes marcou.

Tôda a sciência, a mais comezinha como a mais sublimada, logo e a breve trecho termina por se esvaír em mistério ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Foi isto o que o sr. Oliver Lodge, com tôda a sua incontestada autoridade e saber, pôs em têrmos de extrema clareza na carta que dirigiu ao *Spectator* de 31 de Maio de 1924, refutando alguns pontos da crítica que naquele mesmo periódico Juliano Huxley fizera ao livro de Lodge, *Making of Man, a Study in Evolution*. Aí disse:

«Newton, um grande matemático, concebeu a idea muito simples de que uma lei de força referida ao inverso do quadrado das distâncias, estendendo ao espaço sem limites a conhecida gravitação da terra, podia explicar todos os movimentos observados dos corpos celestes; e, conseqüentemente, no trabalho de muitos anos levou a minúcias notáveis a verificação dos movimentos lunares e planetários. A sua teoria não explica a origem d'esses movimentos, e muito menos a origem dos planetas ou do sistema solar. Mas levou a gravitação terrestre a regiões onde nunca antes d'ele havia sido aplicada e deu um fio condutor para tôdas as complicações da observação dessas regiões, tão completo que suscitou uma admiração profunda.

«Darwin, um grande naturalista, concebeu a idea muito simples de que os factos conhecidos da morte e da hereditariedade e da influência do ambiente, podem combinar-se para explicar a persistência de variações favoráveis onde quer que apareçam, e assim elucidar muitos fenómenos úteis. Daí, com grande labor e tenacidade, applicou êste fio do sobrevivente, com notável plenitude de particularidades, a complexidades do reino vegetal e animal que pareciam misteriosas, de forma que por isso despertou a admiração e estimulou as investigações. Não explicou a origem dessas variações, e muito menos a origem dos ani-

*
* * *

Esta jornada das certezas sensíveis às suspeitas que escapam à verificação concreta e à demonstração visível, esta jornada comum a tôdas as sciências é, porém, mais ou menos longa conforme a simplicidade do objecto que investiga, e, conseqüentemente, em matéria etnográfica é singularmente breve pela complexidade extrema com que de comêço vai topar em obscuridades impenetráveis. Mal partiu de qualquer ponto marcado para campo das suas explorações, logo se acha embaraçada em uma rêde tão apertada de elementos diversos concorrentes que, sem tardar, se sente precipitada em um mar sem fundo de hipóteses e conjecturas, tendo em última análise de se conformar com um deslizar incerto à tona de água, feliz por flutuar mais ou menos conscientemente.

De todos os sêres da criação o homem será o mais esquivo a decifrações, o mais misterioso, e isso importará as dificuldades máximas de afirmação em matéria etnográfica.

mais e das plantas, mas confiava em que a sua idea podia explicar a origem das espécies.

«A noção popular a respeito de Newton é que êle descobriu a lei da atracção gravitativa, o que era uma idea muito simples e trivial que simultaneamente ocorreu a Hooke; ou também que êle descobriu porque é que uma maçã cai — coisa que êle não fez e nós até hoje ainda não sabemos.

«A noção popular sobre Darwin é que êle descobriu a sobrevivência do mais apto, o que é uma idea simples e trivial que simultaneamente ocorreu a Wallace; ou também que êle descobriu porque é que as espécies aparecem — coisa que êle não fez e que, imagino, até hoje ainda não sabemos».

E pois que ninguém até agora tem conseguido nesta matéria explicações racionalistas que supram a explicação mística ou teológica, vem o sábio professor a concluir que «a hipótese de uma intenção real ou plano de qualquer género ou, para com mais segurança o dizermos, a hipótese de qualquer actividade mental ou psíquica efectiva sobrepondo-se à matéria e dominando-a, é ainda scientificamente admissível».

« Em outros tempos, o problema das relações do homem com os outros animais punha-se em modos diferentes, e talvez mais filosóficos que hoje. O homem, dizia-se, é um animal, um bípede sem penas. Foi tirado do pó. O que é certo, porque vemos que ao pó se volve. É pó, portanto, e é um animal—mas é mais. É um animal que usa roupas ou qualquer espécie de acrescentamento estranho à sua pessoa, para adôrno, quando não seja para agasalho; não se contenta com a pele e o cabelo de que a natureza o dotou, procura afeiçoar-se a outro modelo. Depois, o homem é um animal que usa ferramentas. Um dos famosos assaltos à dignidade do homem, no século XVIII, consistia em procurar mostrar que o orango-tango se armava de um pau, e publicavam-se gravuras, particularmente na *História da Natureza animada*, de Goldsmith, mostrando o orango-tango assim armado e erguido em frente das casas rudes que êle tinha edificado para seu abrigo. Depois ainda, o homem é um animal que escreve, desenha e lembra em forma tangível os seus pensamentos invisíveis, dêste modo iniciando a civilização como a conhecemos.

« E assim continuavam. O homem é um animal que fala. O homem é um animal que sorri. Tão espantosa soma e tão importante as diferenças constituíam que pareciam demonstrar que o homem era alguma coisa mais, ou antes alguma coisa além de um animal. Especialmente impressionava os pensadores o facto de que o homem era o animal que aspirava. Diferentemente do cão, da abelha ou do macaco, o homem ou se inquietava com o seu próprio ser ou cuidava nêle, sempre atormentado pelo desejo de alcançar alguma coisa que ainda não tinha. E isto, loucura que seja, carece de explicar-se. O problema mais interessante continua a ser porque é que o homem, desde o comêço da história, entrou a imaginar-se qualquer coisa diferente daquilo que era. Isto é que não tem paralelo no mundo animal ».

Estas considerações aduziu recentemente um professor da

Universidade de Yale, o sr. Chauncey Brewster Tinker, ao apreciar o alcance do moderno achado do antropóide fóssil de Dart. E as suas advertências me pareceu oportuno repetir aqui e ter em conta porque, tratando-se de observações etnográficas, directamente instam pela necessidade de jamais apartarmos em semelhantes estudos os elementos espirituais e os elementos somáticos, que êles por igual compreendem. O corpo e a aspiração, o ser visível e o ser etéreo, mostram-se inseparáveis em tôda a conjuntura da observação étnica dos povos e obrigam a classificações e especificações, nas quais essas duas forças da dupla natureza do homem de contínuo disputam a soberania. Muitas vezes nos deixarão incertos, sem saber a qual delas atribuir a significação definitiva para a organização do sistema em que houvermos de graduar e ordenar as criações em que essas duas forças se conjugam e movem.

*

* *

Mais convirá ainda lembrar, entre estas considerações preliminares, e antes de tentarmos esboçar as distinções étnicas dos povos do Baixo Vouga, que na continuidade ininterrompida das criações se torna, em rigor, difícil, senão proibida, a possibilidade de definir peremptóriamente espécies e raças, fabricadas por amálgamas de influências que se prolongaram e confundiram durante milhares e milhares de anos. Mas entretanto se verificará que, se como realidades tangíveis completas em seus gestos e contôrnos as raças não passam talvez de hipóteses fugidias, todavia subsistem e perfeitamente se distinguem entre a fluidez latente em que tremulam, se as considerarmos em têrmos de aproximações de tipos idealmente concebidos e por idealização presentes aos nossos olhos. Raças puras é a nossa imaginação que as fabrica por

sugestão, composição e associação de elementos concretos, vívidos e observados na sua irregular e não rara caótica disseminação entre indivíduos diversos. Só o nosso engenho e as instâncias do nosso desejo de compreender as suas relações, puderam regrar em unidades êsses elementos colhidos por fragmentação. A natureza invariavelmente nos oferece mestiças as raças, em estado de cooperação mais ou menos ou menos profunda e íntima entre si.

«Devemos lembrar que as raças humanas tôdas podem cruzar livremente, e se separam, misturam e ligam como se nuvens fôssem. As raças humanas não ramificam como as árvores, em braços que nunca se ajuntam. Êstes casamentos e re-casamentos das raças são uma coisa que carecemos de ter sempre presente no nosso espírito, em tôda a conjuntura. Se tal fizermos, nos livraremos de muitas decepções cruéis e prejuízos. Usa-se a palavra raça com a maior leviandade e sôbre ela fundamos as mais absurdas generalizações. Falamos de uma raça «britânica» ou de uma raça «europeia», mas quási tôdas as nações da Europa são uma mistura, confusão de castanho, e preto e branco, e branco e elementos mongólicos» (1).

Um crítico muito distinto, o sr. Benjamin Crémieux, verificando as mais modernas propensões psicológicas e estéticas da actualidade, nota-lhes o «sentimento agudo da solidão do indivíduo». «Cada um de nós está só, e os nossos sentimentos só de nós nos veem. Os outros dão-lhes ensejo de se mostrarem; mas nunca são êles que lhes dão causa. Não amamos certa mulher, amamos a imagem feminina que a propósito desta mulher compoemos».

Semelhantemente e por efeito das mesmas leis de geração de todo o nosso ser, as raças, na sua pureza, não passarão por-

(1) H. J. Wells, *A Short History of the World*, pág. 46. (The Labour Publishing Company. Londres, 1924).

ventura de criações mentais de espécies humanas, formadas e sublimadas tanto pela natureza como pelo poder de visões nossas, mediante selecção inteligente de elementos dispersos por indivíduos, de feições com parentesco entre si mais ou menos estreito, com largo rol de coincidências e nunca as podendo englobar em uma coincidência total compósita, em conjuntura alguma se conjungando espontâneamente na aliança em que os figuramos, e destacados das individualidades mães para os efeitos de os congregarmos e graduarmos em sistemas do nosso invento.

*

* *

Acautelados por estas desconfianças e sem desta concepção da natureza das sistematizações nos afastarmos, e antes respeitando-a e adoptando-a, poderemos todavia tomar em base de divisões e distinções êsses tipos étnicos provenientes de arte nossa, que não de factos rematados. Assim mesmo significarão instrumentos valiosos e fecundos de penetração mental de história e do carácter das civilizações passadas e presentes em todo o mundo. E se percorrermos a vastíssima região do Baixo Vouga, antecipadamente disposto o espírito a contentar-se com estas formas semi-reais idealizadas das raças, mais não pedindo para a sistematização e representação dos elementos étnicos de qualquer província, se nestas linhas ondeantes procuramos apreender o carácter étnico da gente que ali se cria, certos de que em outras linhas mais firmes não poderemos confiar, duas grandes famílias claramente distintas, dois génios, encontraremos nos povoados tão bastos como de per si densos que cobrem as extensas planuras do Baixo Vouga, freqüentam as águas dos seus inumeráveis lagos e canais e edificaram e enriquecem as suas cidades.

Dois e só dois caudais de sangue de diferente côr e diversa

substância, alimentam e animam essas multidões: tem um a veia mãe em Ílhavo, e o outro na Murtosa. Tudo o mais serão cruzamentos e bastardias de uma latitude de composição infinita, mas invariavelmente gravitando na órbita de um daqueles dois centros de atracção, e na mais precipitada instabilidade surgindo e imediatamente se dissolvendo. Aqui colhendo e logo abandonando ou trocando qualidades e feições, assim se formam e se movem, de contínuo dominadas todavia por tendências manifestas que são como a vaga expressão da saúde de uma das duas faces maternas de que poderiam derivar, e para a sua eleita se voltando ansiosas por se lhe tornar o espelho fiel.

Alta, leve, medianamente abundada de carnes, — a obesidade pouco a molesta — olhos negros, cabelos pretos freqüentemente ondeados, — os cabelos loiros mostram-se em minoria notável — a gente de Ílhavo, emquanto pela destreza e pela tez morena e suas qualidades ancilares e associadas habituais respira brizãs do Oriente e do Mediterrâneo, trazidas de tôdas as suas praias, quer europeias, quer africanas, quer asiáticas, tôda se funda em impulsos de graça. E entretanto, na Murtosa, uma outra gente, entre a qual se amiudam cabelos castanhos, cabelos loiros e cabelos ruivos, olhos claros, olhos de ordinário claros, mesmo os castanhos, e onde uma musculatura copiosa e sólida fortalece o corpo, hercúleo quando de estatura elevada e sempre de esqueleto ancho, ainda mesmo na estatura mediana, a gente da Murtosa é tôda fundada em poder, energia e actividade, e tanto se distingue pela ostentação de uma formosa pujança como a gente de Ílhavo parece incessantemente deleitar-se em moderada e suavíssima graça. O trato da gente de Ílhavo é de uma amenidade consumada, essencialmente sorridente; a presença do próximo, natural ou estranho, suscita-lhe uma vibração de alegria, é uma felicidade, certamente porque corresponde à satisfação de hábitos que o tempo teria tornado orgânicos; e o trato da gente da Murtosa,

não deixando de ser facilmente comunicativo e familiar, repassa-se de certa gravidade subjacente que sem excluir a simpatia a isenta de volúpia e a mantém em termos tanto de obrigação como de devoção, não a constringendo o convívio nem aborrecendo a solidão. Seria o trato da gente de Ílhavo instintivamente balsâmico; e o da Murtosa reflectidamente humano.

Onde, porém, a diferença entre êsses dois povos se torna terminante, é na voz. E é na voz, não na língua que muito bem pode ser comum sem pelo facto determinar a indicação de comunidade de sangue, é na voz que teremos talvez o elemento primordial das diferenciações étnicas.

Porque a comunidade de voz não significará apenas a comunidade de disposição dos órgãos vocais transmitida por herança e a correspondente identidade em sua função e feitos. A comunidade da voz representará também os resultados de uma educação renovada de geração em geração, uma aprendizagem tradicional ininterrompida, contactos seguidos que importam a persistência do carácter e o mais poderoso dos vínculos, e exprimem sob as modalidades físicas inalteráveis as modalidades morais que elas traduzem e paralelamente serão também inalteráveis.

Fletcher de Salton pretendia ter conhecido «um homem de muito siso que cria que se a alguém fôsse permitido fazer tôdas as baladas de uma nação, êsse não carecia de cuidar em quem é que havia de lhe fazer as leis». Isto é, pelo canto chegaria a determinar tôda a constituição mental e real dos homens e a governá-los.

Parafraçando êste singular conceito, talvez não o interpretassemos muito fora da lógica supondo que, se a alguém tal poder de sentidos fôsse dado que distinguisse as vozes que em côro cantam em cada palavra nossa que soltamos, mais não careceria para determinar claramente a composição étnica de quantos homens encontrasse na terra. Há na voz como a ressonância

harmónica, unificada, de tôdas as palpitações étnicas ancestrais; da elocução de cada palavra deriva o murmúrio de uma orquestra. Tem sua mística a etnografia, como tôda a ciência; tem seus reinos em que só por delicada intuição da sensibilidade, que não pela análise, é possível penetrar. O sentimento da voz como elemento de especificação toca já em grande extensão a esfera do mistério, mas nem por isso poderemos deixar de lhe reconhecer o seu poder de caracterização, até onde a nossa capacidade lhe distingue as suas subtis indicações.

Entre os caracteres que estremam os agrupamentos humanos será a voz aquele que mantém uma espontaneidade e uma independência completamente inacessível à intervenção da nossa vontade e propósito; comunhão alguma de vocabulário, sintaxe ou construção da linguagem será capaz de alterar êsse elemento de especificação que sendo etéreo parece furtar-se absolutamente à influência das alterações terrenas a que tentarmos sujeitá-lo.

Froude, o célebre historiador inglês, verificando que «a poesia tem um poder de reprodução da vida que à prosa falece», diz que «a maravilhosa propriedade do verso — propriedade que, se bem a consideramos, desculpará qualquer superstição sôbre a origem da linguagem — a maravilhosa propriedade do verso é que a disposição métrica e rítmica da sílaba e do som é capaz de colher e nos renovar, não a fôrça das acções mas as próprias acções, em todos os sentimentos; é capaz de invocar a acção humana e tôdas as demais coisas em que os corações humanos se interessam, produzi-las ou reproduzi-las com a evidência que produziria as mesmas emoções quando elas realmente existiram. Todo o seu passado se nos torna presente pelo exercício de um poder criador tão genuíno como o da própria natureza — que talvez seja o mesmo poder manifestando-se umas vezes em palavras e outras nos fenómenos externos. Seja qual fôr a causa, o facto é êste».

Queria isto dizer que a expressão e o poder renovador das emoções e de todos os seus impulsos, feitos e ambiente seria um fenómeno do compasso e ritmo da linguagem, mais acentuado e eficaz no verso que na prosa, ou melhor, atingindo no verso uma capacidade de renovação e transmissão íntegra que a prosa não alcança. Na sua essência mais profunda, essa capacidade de re-criar será um facto musical, um facto de sonoridade e modulação.

Simplesmente se tornará lícito deduzir as largas conseqüências, ou melhor, as complexas relações do que ao historiador ilustre se afigurou manifesto e primacial no poder da linguagem.

Sentiu Froude no metro e no ritmo tamanha fôrça que pode desculpar «superstições» em matéria de linguagem; mas não se limitará a êsses efeitos mais próximos e imediatos a acção do princípio de que êles dimanam, e êsse princípio fará também que à influência do metro e do ritmo tenhamos de juntar a influência da tonalidade e do timbre da voz, que assim se torna um dos mais eloqüentes, senão o mais eloqüente instrumento de decifração da qualidade étnica dos povos, tal qual sempre o foi da qualidade moral e psicológica dos indivíduos.

Mais ainda. Haverá na linguagem e sua fala qualquer coisa característica que precede metro, ritmo e a própria voz, como uma metafísica que escapando à análise na sua essência, é toda-via clara no seu poder de tradução específica. Não seria sem razão que Pedro Louys, nos apontamentos para a sua *Poética*, nos ensinou a «descobrir que a Musa pode sugerir o som antes da palavra, o ritmo antes da frase».

Ora a voz da gente de Ílhavo é cantada, de um canto singular, todo do peito, que lhe imprime vibrações puras, claríssimas; e a voz da gente da Murtosa é repassada e não raro abastada de intonações nasais, incessantemente a envolvendo em um murmurar velado e constituindo-lhe certo sub-ritmo manifestamente

nocivo a tôda a agudeza de nitidez penetrante. A dez metros de distância não se passará muito tempo sem que ouvidos nossos que não estejam muito afeitos à fala da gente da Murtosa deixem de perceber uma ou outra palavra.

Só três vezes ouviremos na região do Baixo Vouga. Aqui, ou se fala *à moda de Ílhavo*, como usa dizer-se, ou se fala *à moda da Murtosa*, ou se fala *à moda da serra* — advertindo que esta última voz é accidental, peregrina, hóspede e discordante, e considerando que isso que no conceito popular se designa sumariamente por *moda*, é a expressão de um fenómeno eminentemente complexo, compreendendo língua, gesto, voz, acentuação e ainda outros elementos que todos se congregam para imprimir carácter à espécie étnica.

Vozes dominantes na região do Baixo Vouga são duas, somente; a de Ílhavo e a da Murtosa, na escala sem fim em que vão da máxima pureza e a mais acentuada até à confusão extrema, por vezes parecendo resultar em uma língua sem parentesco algum com qualquer das duas línguas mães. A voz da serra, essa que esporadicamente ali aparece, é a voz de imigrados de passagem ou fixados, mas na sua grande maioria de passagem. Vieram das colinas que circundam as planuras do Baixo Vouga, foram criados nos montes e dos montes trouxeram insistente, quasi formalmente rebelde a tôda a adaptação, a sua voz inconfundível pelo ciciar labiado que acompanha a elocução, êsse *chê* que é como um éco das províncias alpestres do coração de Portugal.

*

* *

Se não esquecermos a feição geográfica da região do Baixo Vouga, logo e facilmente se imagina como é que lá se juntaram as três vozes da sua gente: — uma larga baía aberta ao mar pelo

poente e resguardada por montes altos ao nascente; em Ílhavo e terras circumvizinhas os mareantes que vieram do sul e aprenderam cedo o caminho de tão vasto abrigo; na Murtosa e sua larguissima esfera os mareantes que arribaram do norte; depois, o contacto lento em que uns e outros entraram em comércio; entretanto a visita de um ou outro raro vagabundo que desceu das montanhas e se quedou nas praias, seduzido pelos regalos e riquezas das cidades marítimas. Eu diria que sinto na voz da gente de Ílhavo écos de Tartesso, como na voz da gente da Murtosa ouço o rumor afreimado e rude de embarcações arrojados, largando ávidos dos recifes do Báltico e do Mar do Norte, em busca de presas. Aqui, no Baixo Vouga, se juntaram tôdas essas gentes, vindas ao mesmo ponto por diversas vias, e aqui acabariam por se amar, depois de haver começado por se combater; aqui se casaram, primeiro pelo interêsse meramente económico, e depois pelo poder da atracção feminina, que os fundiram na infinidade das novas individualidades em que agora achamos combinadas suas diversas qualidades ancestrais. O rapto das sabinas não foi apenas um incidente da história de Roma, com influência poderosa na constituição orgânica do seu povo. O rapto das sabinas é uma força activa e formidável, omnipotente, no passado como na actualidade, em tôdas as nações e em todos os continentes, operando por força ou por astúcia, por violência brutal ou por ternura, por madrigais ou por espadas, mas constantemente modificando a estrutura fundamental de todos os povos.

O sangue da serra é que pouco teria contribuído para alentar as veias da gente do Baixo Vouga. Porque é sangue de peões, e os mareantes é que se apossaram naturalmente das praias do Vouga, e entre mareantes e peões o consórcio é difícil, uma excepção; a tendência a estremarem-se e a fecharem-se, cada qual na sua casta, é tenacissima. Na sua casta e na sua civiliza-

ção — porque aqui, como em todo o mundo, os mareantes criaram civilizações urbanas e os peões criaram civilizações rurais.

Quando houvermos de distinguir as raças pelos caracteres que a profissão impõe aos homens, a primeira das grandes divisões a estabelecer será talvez esta entre mareantes e peões, entre o braço e a asa, e a enxada e o remo. A vela e o bordão constituirão então as duas armas com que o homem se aventura à conquista da terra, — e também os dois símbolos religiosos das suas aspirações capitais. O bordão enraíza e retarda; a vela acelera e arrebatava: e cada qual terá criado sua espécie étnica, pouco menos de irredutível. A vela criou o mareante, habituado a longas horas de inércia, mercante, fazendo do comércio o ganha-pão, expansivo, palrador e comunicativo como convém a seu mister de permutador de bens; e até lhe deu o andar singular, com seu ritmo inconfundível, que fez dizer a um grande ilustre romancista, que também foi marinheiro, que o navegador nunca sente terra firme debaixo dos pés. Fácilmente dissipador e pródigo, porque vai buscar os bens onde outros os criam, e o barco lhe alarga o mundo e torna inesgotáveis as provisões, o mareante é cosmopolita e versátil, intuitivamente partilhando do carácter de tôdas as raças e de tôdas as propensões, alternando-as e conjugando-as em uma pronta simpatia, desprendido de tôdas as relações constantes. E o bordão criou o caminheiro, deu-lhe apenas um apoio exíguo e frágil para lhe amparar os passos lentos, todos movidos por seu esforço; e apressou a fadiga que o tenta a quedar-se e o induz na vida sedentária, pedindo o sustento aos quatro palmos de terra que os seus braços podem cavar, avaro porque não podendo ir longe não tem mais onde matar a fome senão no retalho do chão sobre que se curva, tímido, calado por disciplina dos dilatados silêncios a que a sua condição o obriga, desconfiando do vizinho que raro lhe aparece porque por sua vez é prisioneiro

da terra como êle, suspeitando de tôdas as amizades de passagem, particularista, obedecendo comovido à voz do campanário, aferrado a um sistema rígido de relações invariáveis. Para o mareante a vida é um fenómeno de expansão e um facto da aventura descuidada; para o peão a vida é concentração e acumulação, e um facto de zêlo aturado, previdência e prudência.

Ora os povos do Baixo Vouga são mareantes, ou filhos próximos de mareantes. Esta é a sua feição capital. Nos seus hábitos e modos actuais são manifestos os sinais da origem mareante.

A gente da Murtosa exerce o comércio com uma largueza que não tem semelhante em quaisquer outros povos das nossas províncias. As mulheres que ordinariamente se chamam ovarinas são murtoseiras que se apoderaram de um larguíssimo comércio, sobretudo de substâncias alimentares, quasi convertido, para certos géneros, em seu monopólio. Essa gente, na sua faina, dissemina-se por tôda a terra portuguesa e em tôda ela colhe e amela para enriquecer os casais onde nasceu. A exploração mercantil do mundo rende-lhe tanto ou mais que o património do seu berço, e frequenta a América com a mesma facilidade com que percorre tôdas as nossas províncias e moureja, sobretudo na capital.

Pelo seu lado, a gente de Ílhavo não tira os olhos do mar. Não sabe viver sem armadores de navios. Ainda mesmo no tempo de maior decadência da marinha de vela, hoje reanimada nas águas do Vouga pela pesca do bacalhau, nunca Ílhavo deixou de trazer no mar gente sua e barcos seus, para a pesca ou para comércio. E, o que étnicamente é mais significativo, o marítimo que povoa a vila, não se mistura senão acidentalmente com o lavrador que povoa e cultiva os campos contíguos. Em regra, o pescador desta região, se não tem trabalho na ria ou no mar, ou se o peixe escasseia, pede esmola, mas não procura trabalho na

terra, que aliás nem ama nem conhece. Lavradores e marítimos, se não são duas raças, são pelo menos duas castas que só por acaso consentem em cruzar-se, fora daquelas duas singulares regiões de anfíbios, que são a Gafanha e a Murtosa. A urbanização do marítimo é completa e não se compadece com as fadigas árduas e aturadas do trabalho da leiva e a sua rudeza e solidão. A filha do marítimo não procurará o filho do lavrador para se casar, como o filho do lavrador desconfia da ventura de tomar para mulher a filha do marítimo, por muito linda que ela seja. Mimosa dos regalos que o pai lhe traz das terras distantes a que abordou, a filha do marítimo jamais poderá afeiçoar-se às escravidões agrícolas, e nem com elas poderia por minguia de forças físicas; musa do lar, não suportaria a sorte de escrava do chão.

Facto interessante na definição do carácter eminentemente marítimo da gente de Ílhavo — na Ermida, a um quilómetro da vila, há uma feira mensal, concorrida e abundantíssima, mas onde quasi não aparecem gados. Em as nossas feiras, ordinariamente, os valores agrícolas representam percentagens elevadíssimas do valor total dos mercados; os valores industriais e mercantis representam a sua parte mais baixa. Mas ali, ao pé de Ílhavo, essas proporções inverteram-se; os valores industriais e mercantis predominam, quasi até à exclusão dos valores agrícolas. A feira é urbana, de tendas sem fim, e de toda a espécie de fazenda mercantil e fabril; é o simples prolongamento e reflexo da vida marítima e um sinal magnífico da predominância absorvente do carácter marítimo e urbano da comunidade que a produz.

Já assim não são as feiras mensais da Murtosa, onde, a par das riquezas industriais e sobrepujando-as altamente, se ostenta uma riqueza agrícola formidável. É que o mareante do norte que povoa aquela região, sem nunca perder a qualidade de comutador diligente das riquezas, pôde associar essa qualidade a qualidades

de criador rural sedentário, e repartiu a sua gente pelo campo e pelo mar, e pela leiva e pela estrada, não desaprendendo de cavar quando embarca, nem se vexando de trocar a escota pela enxada quando desembarca, e muito menos desamando a duplicidade das suas aptidões. Não tanto, todavia, note-se, que o tente a inter-nar-se no reino dos peões exclusivos que habitam os outeiros e as gândaras a montante das planuras do Baixo Vouga. Se em matéria de adaptação à vida rural o mareante de Ílhavo a negou absolutamente, de facto fechando a vila e não saindo a trabalhar nos campos fora de muros, para o mareante da Murtosa não será violência guiar a charrua em qualquer das freguesias da planura, mas nunca irá tão longe que suba as colinas e vá confundir a sua voz com a voz da serra. Mais lavrador que o seu parceiro do sul, nunca o será tão francamente que dispense a vizinhança das águas. Irá lavrar até onde o barco lhe levar o jugo e a alfaia, e só até aí.

*

* *

Porventura a distinção das espécies etnográficas dos povos do Baixo Vouga que a princípio, em remotas eras, poderia muito provavelmente assentar na observação de caracteres somáticos trazidos de diferentes terras pelos mareantes, hoje, pela interpenetração muitas vezes secular das unidades originárias terá de fundar-se em factos operados pelas tendências e vocação profissionais. Do passado resta a cada um a sua voz, é certo; a diuturnidade do convívio remodelou, porém, e fundiu em novas unidades os antigos caracteres e elementos de diferenciação. A constituição antropológica somática inicial, hoje pesadamente oprimida e atropelada pelas pulsações da vida subsequente, sobre-pôs-se a constituição de uma nova alma procedendo da acumu-

lação dos resíduos anímicos dos milhares de gerações que se sucederam e cruzaram moralmente com impetuosa intensidade, dando nova face à psicologia antiga, e entretanto modificando correspondentemente certos e muitos traços da estrutura física do homem.

Assim, confundidos pela identificação tenaz e progressiva das inclinações morais e profissionais tendendo para a redução à unidade, lentamente se terão atenuado e modificado e são já insondáveis os caracteres somáticos de origem e proveniência, sobre os quais se poderiam traçar genealogias.

*

* *

Aqui, na região do Baixo Vouga, encontraremos talvez exemplificados aqueles movimentos de unificação pela cultura que é inimiga agressiva e destruidora de tôdas as diferenciações somáticas.

«Sabendo que a observação do desenvolvimento e difusão da cultura, diz ainda W. J. Perry ⁽¹⁾, é uma operação perfeitamente contínua, determinada pelos fins dos homens, imediatamente se vê que as circunstâncias geográficas de qualquer país pouco mais podem exercer que uma influência passiva, de forma que dentro de uma larguíssima série de condições, climatéricas ou de qualquer outra proveniência, os homens teem larga escolha de fixação, e esta escolha é originariamente determinada por causas actuando dentro da própria sociedade humana». É por êste modo, diremos nós, que as derivações e influências étnicas somáticas de todo acabam por se afundar em confusão, cedendo a soberania a influências de cultura, renovadoras, ou melhor, remodeladoras, que

(1) L. c., págs. 48 e 49.

determinam aproximações e espécies inteiramente diversas das primeiras em seu significado. Às cegueiras e indiferenças de actividades cósmicas inconscientes, ou pelo menos de misteriosa consciência quando ainda em seus períodos de fatalidade, sucederam para a especificação étnica a aspiração e vontade reflectida, manifesta e eficaz dos homens, que nas eras de predomínio da pura animalidade era um factor mínimo.

De produto da qualidade e dosagem do sangue, as raças tornar-se-iam em produto da qualidade e dosagem das culturas que no seu âmbito englobaram, entendendo por cultura a expressão e acção das aptidões técnicas de uma comunidade conjugadas, operando de harmonia, e a disposição de ânimo, a constituição psicológica correlativa. Uma das mais fecundas concepções da etnografia moderna será a graduação do valor da profissão na determinação específica dos povos, sobrelevando em muitos casos aos valores da constituição biológica que antes se teve por primordial. O *homo faber*, enquanto por suas mãos fabrica um novo mundo externo afeiçoado à sua aspiração e necessidade, a si mesmo se reedifica intimamente em novo corpo e nova alma. Um mesmo movimento de adaptação importa a modificação do objecto a que o esforço e a vontade humana se aplica e a modificação simultânea da força íntima que êsse esforço determina, governa e anima. O mineiro, o cavador e o marinheiro terão dado por imposição profissional raças muito mais distintas entre si e fixadas do que, por exemplo, aquelas que poderemos estremar confrontando o slavo e o árabe.

«—Penso como a minha terra— dizia um proprietário. Palavra de muito senso, que todos os dias pode ter aplicação. Com efeito, uns pensam como a sua terra, outros como a sua loja, alguns como o seu martelo, alguns como a sua algibeira vazia e que aspira a encher-se». (J. Joubert, *Pensées*). A ferramenta do ganha-pão de cada um representará só por si um poder de pri-

meira grandeza na geração das espécies étnicas humanas, particularmente na especificação psicológica, sendo entretanto certo que se a aplicação técnica da actividade imprime aos homens feições psicológicas correlativas, a feição psicológica paralelamente determinará caracteres biológicos adequados. A mitologia antiga criou um mundo de deuses, isto é, um sistema de raças divinas, do qual as raças humanas eram filhas ou reflexo. Habitualmente, senão sempre, com profissão sabida, êsses deuses tinham aptidões técnicas especiais, e cada qual usava alfaia própria, querendo a intuição estética e naturalista que na representação visível do conceito o corpo condissesse com a alma. Não havia que confundir Ceres com Minerva ou Vulcano com Mercúrio.

Vem de longe, manifestamente, a classificação dos homens por profissões e a suspeita de que cada profissão obriga a sua personalidade tangível, sua face, seu olhar, seus músculos e seus membros, e conjuntamente sua alma, sua vontade e seus impulsos íntimos. Nem os deuses se libertavam desta lei dos homens.

A conquista do mundo efectuada pela civilização não teria sido, a-final, senão a conquista do mundo efectuada pela superioridade dos talentos técnicos do europeu; o que imaginamos dote de raça, isto é, qualidade do sangue, seria apenas dote de engenho técnico, qualidade da profissão, e muito principalmente qualidade militar. Pela profissão e não pelo sangue nos encaminharemos à unidade que vai adiantada. A difusão da cultura é a difusão das aptidões técnicas, e serão estas que operam certos milagres de homogeneidade. O sangue no capricho dos seus mistérios e nas torrentes revôltas da sua circulação abastecidas das infinitas confluências que colaboram nas suas formações biológicas, constantemente estaria muito mais a alterar do que a fixar a unidade que a cultura constitui e firma pela insistência da inteligência, desejos e espírito que incessantemente a movem e não variam.

A cultura não seguirá, na geração das suas raças, vias diferentes daquelas por que se produzem as espécies biológicas. Estarão as espécies técnicas sujeitas a influências evolutivas idênticas àquelas por que se formam e modificam as espécies e variedades biológicas. Simplesmente as espécies técnicas atingirão pela consistência dos seus impulsos um grau de fixidez e distinção que às espécies biológicas falece, pela nímia e desordenada concorrência dos elementos que compreendem em igualdade de energia.

Foi dêste poder da cultura sobre o temperamento originário das raças que a história de Roma nos legou a mais esplêndida demonstração que a memória das civilizações regista. *Græcia capta victores capit*. Nunca houve semelhante inversão da vitória de um estupendo poder militar subjugado pela superioridade de cultura dos vencidos. Onde a Grécia foi vencida pelas armas romanas, aí é que Roma entrou a ser governada pela cultura grega.

Esta transposição de soberania não teria sido, porém, o simples acidente do conflito e consórcio de duas grandes civilizações, pôsto que a lei que determinou semelhante fenómeno ali se houvesse revelado com incomparável evidência, por virtude da excelência, volume e brilho dos elementos que interessava. Haverá um princípio de transfusão no contacto de todos os povos, omnipresente, no bárbaro e no culto, em todo e qualquer grau de educação dos enxames humanos. Onde diversos povos se tocam, por bem ou por mal, por conquista ou por simpatia, houve comércio de aptidões, houve impulsos de identificação em que todos ganham e perdem alguma coisa do seu pecúlio anterior; ora empobrecendo-o, ora enriquecendo-o, ora dilatando-o, ora minguando-o, por eliminações ou acrescentamentos, sempre o refundem. Há no fundo mais recôndito dos nossos instintos uma febre de atracção e penetração mútua de tôdas as raças, senão de tôdas as vidas, uma amálgama ininterrompida de tôdas as ten-

dências vitais, uma partilha de corpo e espírito incessantemente renovada que constantemente altera e torna como flutuantes tôdas as feições étnicas de qualquer natureza que elas sejam, morais ou físicas.

Seria um labor orgânico dêste género que operou e continua operando a unificação étnica dos povos do Baixo Vouga.

Na verdade, no rosto, na estatura, no gesto e nas propensões distingue-se-lhes ainda a origem, e por vezes, em casos individuais, claríssima. A gente do norte continua a ser, em regra, muito mais abastada de musculatura, mais pujante, que a gente do sul, tôda cativa da sobriedade e de beleza; e entretanto a uma e a outra cõtempla dos seus ninhos da colina e dos píncaros, donde raro desce à beira-mar, o serrano, miúdo e trigueiro, e todavia na exigüidade da sua constituição mais resistente, de ordinário, à indigência de confortos que a gente alentada das planuras. As distinções somáticas conservar-se-hão mesmo de tal modo que onde houve invasão do norte no sul, as manchas de colonização podem ainda estremar-se; como, por exemplo, em Cacia e Taboeira, lugares da margem esquerda do Vouga, nos quais o parentesco étnico com os povos do norte é manifesto, com tôda a abastança, cadência, e boleado de formas e movimentos que a êstes é peculiar. Êsses povos, os do norte como os do sul, terão ainda cada qual a sua voz, pôsto que em milhares de casos seja impossível atribuir-lhes a que lhes convém, se a quisermos descobrir só pelo exame do rosto. Mas todos êsses povos falam já a mesma língua, obedecem à mesma lei, respeitam a mesma religião, usam os mesmos costumes, e começam a sentir muito aproximadamente as mesmas aspirações. O carácter positivo e prático dos povos do norte transfunde-se entre os netos dos marinheiros descuidados das colónias do sul, mas não sem que êstes lhes paguem insinuando-lhes aqueles apetites, logo convertidos em necessidades, que uns chamarão luxo e outros arte, sendo a-final e

em tôda a conjuntura o viático da graça acrescentada à prosperidade da economia. Terão uns aprendido a trabalhar mais e mais metódicamente e a acumular mais largamente as riquezas; e os outros lhes irão retribuindo o eficaz conselho induzindo-os a apreciar afagos dos olhos e dos sentidos que valem tanto para a nossa felicidade como os bens grosseiros que só alimentam o corpo.

A biologia pretende que no fim de alguns anos de contacto e intimidade as feições físicas se comunicam entre os que vivem juntos. Amiudando-se com o convívio as repetições do mesmo gesto exprimindo estados psíquicos coincidentes ou paralelos, a paridade dos movimentos determinaria com o uso aturado a paridade progressiva das formas de que êles são a função. Por virtude de uma lenta e segura adaptação à tradução de impressões e reacções da mesma natureza, a forma tenderia a unificar-se. Ao fim, à medida que um só espírito anima dois sêres primitivamente diversos, eis que as duas faces em que êsse espírito incarnou se tornaram por sua vez um espelho recíproco.

Se assim é, por maioria de razão, por maior volume e insistência das energias propulsoras, acontecerá nas raças e na dilatada contiuidade da sua vida o que nos breves anos de intimidade de efémeras criações individuais tão perfeita e completamente chega a consumir-se. E talvez não abusasse muito dessa espécie de embriaguês mental que é o paradoxo, quem, sem aventurar resposta, perguntasse se são as raças que fundaram as civilizações, os modos de ser sociais, ou se antes não serão as civilizações que criam as raças.

*

* *

Sentindo de perto a continuada efervescência que de diversíssimos elementos vai a fabricar dos povos do Baixo Vouga uma

só família, tão matizada no aspecto físico como unificada na energia anímica, aqui muito particularmente nos inclinaremos a crer que, remontando êste movimento e sua direcção a dezenas e dezenas de séculos, e não havendo cessado através de todos êles nem dando amostras de cessar no presente, e antes recrudescendo de intensidade, seria muito arriscada ousadia tentar esboçar por caracteres somáticos a distinção das espécies étnicas que se aglomeraram nesta região e aqui se multiplicam em estado semelhante ao de fermentação tumultuosa. Perante a uniformidade de organização social e moral, e cruzamentos correlativos a que espontaneamente, por correntes naturais de simpatia e comércio, se abandonaram, sem distinção, incorporadas no movimento e acção de uma só aspiração, largamente teriam deixado anular a persistência dos caracteres físicos primitivos e a sua singularidade. De todo nos privaram de elementos seguros para um apartamento cerce de unidades étnicas acentuadamente rematadas e firmes em sua diversidade. A identidade de funções a que essas raças se acharam subordinadas pela fatalidade das vicissitudes que as juntaram, êsses impulsos que por singulares e surpreendentes acasos se refundem no cadinho de uma mesma e invariável cultura, passam de alto e vitoriosamente sobre as oposições, contrastes e dissemelhanças de contôrno e feições externas, e pouco deixam dos seus vestígios, apenas o suficiente para calcularmos que nem sempre assim foi, e no princípio houve divergências manifestas, e no seguimento se deram sucessivas e multiplicadas invasões estranhas, combinando-se com os cruzamentos internos para intermináveis unificações. Pelo próprio efeito da igualdade em que opera e da docilidade que na sua expansão abrange e consegue dominar e regrar, a organização social acaba por especificar na mesma categoria aquilo que o compasso e o metro e a balança acharão diverso e por diverso quererão graduar em categorias diversas.

Se para as ervilhas de Mendel — que também tiveram organização social, contactos e relações impostos pelo propósito humano — se para as ervilhas de Mendel êste modo de ver que chamarei anárquico pode significar aberração e blasfêmia, uma negação sacrílega de verdades sensíveis e praticamente demonstradas, para os lírios de Burbank, na complexidade do seu comércio que corresponde a uma civilização mais subida, a anarquia latente será apenas a mais simples e evidente das conclusões lógicas do exame da sua condição.

E os povos do Baixo Vouga, não será de mais repeti-lo, são como os lírios de Burbank no torvelinho e delírio dos seus erros, não são como as ervilhas de Mendel na estabilidade rudimentar da sua singeleza.

*

* *

Eu não sei mesmo até que ponto em semelhantes casos será legítimo cavar fundo na discriminação dos elementos antropológicos, para atingir maior segurança de sistematização étnica. Porventura conflitos haverá em que a antropologia descarnando absolutamente os elementos étnicos se torne inimiga da etnografia e praticamente revolucionária.

Por amor de mais minuciosa observação, algumas vezes a antropologia terá desmembrado da família o indivíduo e assim, isolando-o, o desprenderá de tão grande número de relações que lhe são orgânicas, de tal modo se vê obrigada a mutilar o que somente na sua integridade tem realidade que de todo nos transvia e fará crer como unidade o que é apenas um fragmento, inteiramente destituído de significação só por si. «Tôda a natureza é pura síntese e tôda a filosofia é antítese», escreveu Schiller. A ciência não poderá fundar-se em análises onde a vida se move e efectua por sínteses.

Pelas exigências anatómicas, pela inclinação a reparar o que nasceu junto, e viveu junto, e só junto pode viver, e pela inclinação correlativa a agrupar sob nova ordem essas parcelas intencionalmente desmembradas e colhidas, aproximando-as assim mutiladas em vez de guardar e contemplar o todo na sua integridade funcional e orgânica, ocasiões haverá em que a antropologia oblitera em vez de esclarecer o sentimento das relações étnicas. E então retalha e verdadeiramente arruína aquele ser activo, complexo e indivisível, que é o objecto inicial e irreductível da etnografia.

Sem dúvida, o vaso quebrado é susceptível de se reconstituir, se possuímos todos os fragmentos que a violência que o partiu dispersou; mas onde alguns desses fragmentos faltarem, e muitos necessariamente se reduziram a pó no embate, tenhamos por certo que estamos desamparadamente expostos à mais fantástica e absurda concepção da sua integridade. Teremos de a imaginar pela aglomeração de fragmentos reunidos pelo capricho do nosso engenho.

Semelhante será hoje a situação da ciência etnográfica. Revolta durante séculos inumeráveis pelas mais poderosas forças e energias que, convergindo para a sua constituição, se fundiram em uma unidade, a etnografia não poderá em movimentos de regressão destrutiva desligar essas forças e formas conjugadas, sem desnaturar as criações que elas geraram e nós procuramos compreender. Aqui, tanto ou mais que em outras esferas científicas, terá limites rigorosos e invioláveis a divisão dos elementos primordiais sobre que o nosso pensamento está autorizado a operar. Nem se me afigura impossível que se dêem conjunturas nas quais tenhamos de nos desprender de toda a preocupação de destrinça dos elementos antropológicos, se queremos apreciar os elementos étnicos, cujo exame para ser feito capazmente os reclamará na sua complexidade nua e intacta. Formações étnicas serão

como os rios. Recebendo no percurso afluentes de diversíssima origem e carácter, de todo nos será impossível ao cabo de uma breve jornada das suas águas, estremar a proveniência e subsistência das muitas que no mesmo leito se vasaram e correm. Não será diferente da circulação das águas dos rios a circulação do sangue das raças. Ao fim de séculos e séculos de movimento — e ninguém ao certo saberá contá-los — não haverá génio tão inspirado e feliz que em uma gota de sangue de qualquer de nós possa distinguir a paternidade autêntica de cada um dos corpúsculos que ali se acumulam. São o que são na sua agregação, e se pretendemos desfazê-la serão nada, além de quantidades mortas e emmudecidas; fora das relações em que os encontramos unidos na sua actualidade palpitante, não passarão do remanescente frio de vidas das quais foram parte mínima. Por mais limitada que seja a região que estudarmos, serão caudais os elementos primordiais de toda a investigação étnica que nos proponhamos. Na plenitude do seu volume teremos de os considerar e contemplar. Onde pretendemos remontar às veias-mães, logo nos perdemos em um labirinto.

A outra conclusão não me atrevo a aventurar-me interrogando os povos do Baixo Vouga, para que eles me confessem o segredo da sua gestação e constituição étnica. E por pobreza das minhas forças ou pela real irreutilidade do mistério em que tais problemas se envolvem, não posso libertar-me do pressentimento de que nesta ignorância da sua estrutura radical e neste afêro à confiança naquilo que poderemos chamar a simples ostentação da sua superfície, aqui se encerrará talvez toda a ciência da sua genealogia e carácter que nos é acessível.

*

* *

Em seu estado de confusão, e não obstante, os povos do Baixo Vouga representarão na etnografia do nosso país um facto e uma actividade notabilíssima. Êsses povos serão o mais belo resumo das faculdades capitais da gente que glorificou a nação portuguesa; são em todo o seu território o ponto de sutura mais vasto e mais sólido fundido das invasões marítimas do norte e das invasões marítimas do sul que povoaram a costa; invasões levemente adubadas por frouxas irradiações agrícolas do centro alpestre.

Aqui, nesta extensíssima baía, cujas águas as vicissitudes geológicas em grande parte converteram em campos elevados acima das marés, aqui teriam pousado e se teriam casado lentamente, como em parte alguma de praias nossas, as correntes étnicas nórdicas, e as correntes étnicas derivadas do Mediterrâneo e da costa ocidental da África, umas e outras mosqueadas muito passageiramente por minguadas gotas de sangue alpino, salpicado dos montes e planaltos que a leste formam o abrigo do pôrto. Para o norte, subindo a costa, logo cresce e predomina o sangue nórdico; para o sul, imediatamente começa a inundação quasi absorvente de sangue mediterrâneo e africano; para leste, alçam-se em seus refúgios pouco hospitaleiros, solitários e exclusivistas, os enxames dos peões que a vastidão continental criou e tendem pouco a descer à costa, porque o serrano teme o mar como um monstro fabuloso.

Não sem uma certa confiança me inclinaria mesmo a crer que não serão vulgares na costa da Europa os lugares em que este fenómeno de aberto cruzamento do oriente e do sul e do norte se haja efectuado em igual amplitude e evidente clareza.

E com igual felicidade em seus resultados — o destino não teria sido pródigo na criação por semelhantes meios de famílias tão robustamente constituídas e excelentemente dotadas.

Não teria sido das menos férteis e penetrantes observações de Alberto Sampaio em seus trabalhos de refundição de alguns pontos capitais da história nacional a delimitação do norte e do sul do país pelo Vouga, abandonando a delimitação pelo Mondego que até ao seu tempo era a vulgar. Foi o Vouga a fronteira em que as colmeias nórdicas enraizadas estancaram as arremetidas do derrame muçulmano, mas anteriormente, muitos e prolongados séculos antes, teria sido o Vouga o lugar predestinado para dar ao mundo um exemplo de notável êxito da cooperação étnica das duas grandes culturas e dos dois nobres temperamentos, o oriental e o nórdico, que fundaram e disseminaram por todos os continentes a moderna civilização europeia.

Aqui se teriam encontrado êsses dois ímpetos étnicos na sua expansão, mas em vez de se combaterem e excluir, fundiram-se e multiplicaram-se em um cerrado enleio de bastardias, nas quais se interpõem e se casam todos os diversos elementos das migrações primitivas.

Se, como a crítica científica mais competente nos induz a crer, as investigações da etnologia histórica tendem hoje principalmente a «servir de apoio a uma teoria da transmissão cultural opondo-se à teoria evolutiva que atribui cada caso a um desenvolvimento independente de influências externas, e, naturalmente, nenhum desenvolvimento de cultura é inteiramente independente ou inteiramente derivado de estranhos, e a história no seu sentido próprio e pleno há-de dar conta dos dois factores em concorrência, a tendência a criar e a tendência a pedir emprestado»; se na formação e vida das raças tem de colaborar os impulsos singulares de cada uma obrigando todas a assimilar ou rejeitar alguma coisa do alheio, conforme a sua capacidade peculiar e as

suas necessidades e a energia dos impulsos das culturas diversas que cercam e incessantemente modificam o carácter das individualidades colectivas originárias — se assim é, os povos do Baixo Vouga, no seu passado como na actualidade, serão a mais lúcida demonstração dêsse cosmopolitismo persistente que se encontra na base de tóda a formação étnica e a sujeita a certo estado orgânico de transitoriedade infinita.

Êste labor contínuo de osmose que não só é uma actividade orgânica no contacto das raças, mas será também um princípio de atração que as obriga a mutuamente se procurarem e aproximarem, êste movimento e propensão será, porém, não um agente de dissolução, mas um filtro de fortaleza e prosperidade.

Pode o cruzamento da raça e da cultura que ela haja iniciado importar prejuízo do carácter que será tanto mais acentuado e tenaz quanto mais singelo; mas é, manifestamente, pelos cruzamentos que as raças se mantem em um rejuvenescimento perene e acrescentam as aptidões e as possibilidades de exercício das suas faculdades. As mais dilatadamente cruzadas serão as mais copiosamente abastadas de energias virtuais ou positivas. As raças serão tanto mais elevadas quanto mais elevada fôr a soma das faculdades e capacidades adquiridas por legado e contacto de outras raças, juntando-se à antiguidade e volume do cabedal próprio de cada uma. O cruzamento importa habitualmente a conquista total ou parcial de um capital estranho que vem juntar-se ao capital criado pelo labor das faculdades congénitas de cada raça na sua primitiva singularidade. Raças superiores serão as que mais desafogadamente se mesclaram com outras raças e nelas recompuseram o sangue.

Nem haverá raças envelhecidas ou sujeitas a velhice, se se fortaleceram pela multiplicidade dos cruzamentos, cada um dos quais lhes multiplicou os centros geradores da vitalidade. Raças envelhecidas ou ameaçadas de caducidade serão apenas as raças

isoladas e sôbre si que à míngua de renovação dos focos de vitalidade e das aspirações correlativas propulsoras deixaram decair as razões congénitas de viver que as moviam. A ausência de hibridação será mesmo mais do que uma ameaça; será um sinal e um comêço de enfraquecimento, manifesto na antipatia com as raças e a cultura estranhas, o que logo importa a impossibilidade de reabastecer no sangue estranho a energia, quando cansada se ache no sangue originário.

Se os cruzamentos abundaram em número, variaram em qualidade e se alongaram em anos, as raças mais velhas serão as mais ricas de talentos e virtudes. O progresso étnico seria paralelo à descaracterização. A descaracterização, a que erradamente chamaríamos decadência, seria apenas a turvação aparente, o aspecto mais superficial e imediatamente visível de fenómenos de dilatação e eliminação conjunta, o despojar de invólucros que se haviam tornado apertados e impróprios para conter as palpitações da substância e das vidas que o tempo ampliára e não cabiam nas suas formas anteriores. Riquezas acumuladas, umas de criação espontânea de cada povo sôbre si, outras absorvidas por contágio de estranhos, reclamam formas novas adequadas à sua complexidade; e quando operações desta natureza se consumam, a imaginação figura-nos aniquilações irreparáveis onde apenas se efectua a expurgação de elementos gastos e o derramamento e a expansão de energias novas iniciando suas construções.

Quando para solução dêstes problemas da continuidade do progresso étnico pelos cruzamentos houvesse de se fundar uma teoria, a formação dos povos do Baixo Vouga e a sua infatigável actividade crescente seriam um documento e uma experiência preciosa. Mas se para tanto não puder servir, sempre essa formação será de uma alta eloquência na história pátria. Porque significa no breve espaço de uma pequena província tóda a cons-

tituição mental e económica mais profunda e activa da nação portuguesa.

É uma síntese admirável das energias próprias de mareantes e peões, e desta convergência de mareantes e peões, ora em comércio, ora em conflito, desta convergência de duas humanidades é que deriva a grandeza da história pátria, quer em suas horas de glória, quer nos seus transes de amargura. Constituída ao sul pelo domínio dos navegadores e mareantes, nascida e fortalecida no centro e ao norte pelos peões criadores e lavradores, a nação portuguesa jamais pôde libertar-se da oscilação entre êsses dois pontos cardiais, por vezes perturbada pelos contrastes e oposições violentas das duas almas que a edificaram. A oscilação tornar-se-ia mesmo o seu modo de ser habitual, se normal não puder chamar-se. O lamento do Velho do Restêlo e a pertinácia aventureira do navegador que silencioso e soberbo não o escuta, e ergue a vela e se afasta, essa voz de maldição profética não teria sido apenas o acidente dramático de uma jornada, seria o clamor íntimo e essencial da história de um povo composto de elementos étnicos de temperamento não raro oposto, e sempre de embaraçosa conciliação. Foi assim, na agitação irredutível de um duelo interior, que a vida se lhe tornou incerta e precária pelas influências que dentro dela se degladiam e alternam na sua direcção e governo, e ao mesmo tempo se lhe alargou na amplitude esplêndida, posto que por vezes trágica, na qual a multiplicidade das aspirações e a vitalidade que as serve suscitam edificações prodigiosas e feitos verdadeiramente assombrosos. É exactamente do contacto dêsses elementos não raro antagónicos que resulta a fermentação que, alvoroçando as energias étnicas na sua plenitude e em toda a extensão de aplicação concreta das possibilidades inerentes, traça as páginas duplamente gloriosas em que a heroidade dos eleitos e os seus lances magníficos coroam o génio da grei, tenaz, paciente, criador, pelo sentimento e paixão da estabi-

lidade rejuvenescendo perpetuamente os filtros que amamentam o povo português.

Quis um destino propício que êsses dois temperamentos humanos capazes de edificar impérios, o mareante e o peão, aqui se juntassem nas águas do Vouga, em uma estreita faixa de terra banhada pelo mar e bafejada de muitos rios vindos dos montes. E dessa afortunada duplicidade, comum em diferentes graus a toda a costa marítima do país, posto que em muitas regiões atenuadíssima pelo domínio de uma das duas feições e actividades étnicas, dessa fecunda duplicidade, os povos do Baixo Vouga teriam sido como uma síntese magnífica, a mais completa, sólida e transparente cristalização das aspirações nacionais conjuntas, um fenómeno de ponderação e harmonia, cuja perfeição não encontra par em terras de Portugal.

Por igual amando a terra e o mar e por sua arte os possuindo, os povos do Baixo Vouga teriam conseguido através de infinitos cruzamentos que aqueles dois afectos e os modos de ser estéticos e económicos correlativos, que algures foram causa de divórcio, aqui fôssem motivo de união e vivam juntos na mais saudável beleza e riqueza.

Esta teria sido a sua missão étnica na vida nacional, êste milagre de uma sùmula perfeita e perfeita identificação das duas almas que em a nossa pátria incarnaram e lhe inflamam o seu resplendor.